

Panorama

Editor: Igor Natusch
igor@jornaldocomercio.com.br

GUILHERME RANGEL/DIVULGAÇÃO/JC



Criação assinada por Claudio Ramires terá vista a partir do Jardim Lutzenberger da CCMQ, atualmente fechado para reformas

ACONTECE

MURAL INTERATIVO UNE TRADIÇÃO E TECNOLOGIA NA CASA DE CULTURA MARIO QUINTANA

Adriana Lampert

adriana@jornaldocomercio.com.br

Em homenagem aos 120 anos de nascimento do poeta gaúcho Mario Quintana (1906-1994), um mural interativo inédito, assinado pelo artista visual Claudio Ramires, será instalado na Casa de Cultura Mario Quintana (CCMQ), com vista a partir do Jardim Lutzenberger, localizado no 5º andar da Instituição e atualmente fechado para reforma. O projeto de execução física do painel deverá iniciar em breve, estabelecendo um diálogo direto entre a memória e a modernidade. A previsão é de que a inauguração oficial ocorra entre junho e julho.

De acordo com a diretora da CCMQ, Adriana Sperandir, a iniciativa simboliza o espírito de renovação do espaço cultural. “Celebrar os 120 anos do Quintana com uma obra que une o analógico ao digital é a cara da Casa de Cultura”, afirma. Segundo a gestora, a obra é fruto de uma parceria com

o Banrisul, que selecionou o projeto apresentado pelo artista considerando sua intimidade com o universo quintaniano para criar uma instalação permanente de grande proporção.

Ramires revela que o processo de gestação do mural foi longo. “Estamos envolvidos com isso desde setembro do ano passado”, conta, detalhando que, inicialmente, a demanda era pontual. “O Banrisul queria repor a placa de bronze que exibia o poema *O Mapa*, de Mario Quintana, furtada da Praça da Alfândega em meados de 2025, mas eu sugeri algo maior, aproveitando a data dos 120 anos de nascimento do Quintana. Então apresentei um projeto mais complexo que a intenção inicial deles, e ele foi aprovado”.

Após a seleção, a proposta de Ramires foi a escolhida para ocupar uma área plana de 4m x 3,5m do Jardim Lutzenberger, embora a superfície real de intervenção seja superior. “Em razão de ser interativo, a área de pintura será maior”,

explica o artista. A construção do mural, inclusive, será uma atração à parte. Antes de ser instalado no local onde permanecerá, o painel será montado dentro de um espaço cedido pelo Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (Macrs), cuja sede principal está localizada no interior da CCMQ. Adriana ressalta que esse “ateliê aberto” é estratégico para a mediação cultural. “O Claudio vai trabalhar já dentro da Casa e o espaço estará aberto para visitação (mediante visitas agendadas), inclusive para crianças de escolas acompanharem o processo”.

Inspirado pelo poema *Autorretrato*, de autoria do escritor homenageado, o mural utiliza engenharia óptica para materializar a ideia de multiplicidade. “Fiquei maravilhada com o projeto. A obra é cheia de nuances, você nunca a vê da mesma forma conforme se movimenta”, revela a diretora. Essa inovação visual marca também uma transição no acervo: o novo mural ocupará o lugar de uma antiga pintura da Bienal do Mercosul que estava há muito tempo no local. Para preservar a história, a obra antiga será deslocada para outro ambiente da Casa de Cultura, em formato fotográfico.

Claudio Ramires afirma que o desafio da nova obra foi traduzir visualmente os versos onde o poeta afirma “eu não sou eu nem sou o outro”. Ele explica que trabalhará com a figura de Quintana através de “uma pintura cinética, duas pinturas em uma e várias combinações” que serão percebidas a partir da participação do observador, “que vai ver coisas distintas a partir da movimentação

diante do painel”. O artista pondera que faz referências ao *Autorretrato* de maneira lúdica, tentando mimetizar o rigor técnico escondido na fluidez de Quintana. “Ele fazia parecer simples algo que era de uma técnica apuradíssima; escrevia exaustivamente até parecer que tivesse escrito em um primeiro golpe. Nessa tentativa de me aproximar da obra dele, o projeto é bem complexo, mas vai parecer para as pessoas, numa experiência lúdica, como se fosse um sonho”, descreve.

Adriana destaca que a intervenção não é isolada, mas faz parte do plano de revitalização da Instituição, que inclui ainda a obra em andamento no Teatro Bruno Kiefer (prevista para ser entregue em maio). “Pensamos nessa atenção especial como um todo. O Jardim Lutzenberger está sendo revitalizado junto com a obra do Teatro, preparando o espaço para as comemorações dos 100 anos do Lutz, em 2026”, explica Adriana.

A concepção do mural também exigiu um mergulho profundo no cenário que o acolherá. “Fiquei dez dias ali para ver a experiência das pessoas, para saber o volume de pessoas que passam ali, fazendo um estudo de aprofundamento dentro do Jardim, tirando medidas e tudo mais”, relata Ramires.

Além da parte artística, o projeto envolve uma grande cadeia produtiva. O desenho da obra contou com o auxílio de profissionais de engenharia e tecnologia, envolvendo diretamente cerca de 20 famílias e gerando impacto econômico para a cidade e para outros estados, como Santa Catarina, Rio

de Janeiro e São Paulo. “É um trabalho de multidisciplinaridade, trabalho e renda”, pontua a gestora do projeto e produtora da execução da obra, Neiva Martins.

A tecnologia também desempenha papel central da nova obra visual. Por meio de QR Code instalado junto ao mural, o público acessará conteúdos em realidade aumentada hospedados no site Banrisul Cultural. “A Casa de Cultura se renova trazendo elementos tecnológicos e pensando no futuro, mas sem esquecer da acessibilidade e da memória viva”, pontua a diretora. Ela destaca ainda o papel vital da parcerias envolvidas no projeto. “O Banrisul foi fundamental para reerguer a CCMQ após as enchentes de 2024, e as Tintas Renner é apoiadora histórica do Jardim Lutzenberger”.

Claudio Ramires descreve o mural como um “antídoto” à pressa contemporânea, unindo pintura cinética em acrílico sobre alumínio à realidade aumentada para criar uma interatividade efetiva. “Tecnicamente, a obra exigiu um planejamento rigoroso de engenharia óptica e durabilidade, com o uso de pigmentos minerais para resistir ao clima e simulações em escala no ateliê”, enfatiza.

O artista ainda comenta que o projeto representa o fechamento de um ciclo afetivo: após observar Quintana à distância durante a juventude em Porto Alegre, ele agora busca retribuir a inspiração, transformando as palavras daquele que considera “o mais pictórico dos poetas” em uma forma visual permanente que ajude a formar novos leitores no futuro.